

## AS RELAÇÕES DE GÊNERO: O COTIDIANO COMO FERRAMENTA DE ANÁLISE

*Gender relations: The everyday life as an analysis tool*

*Las relaciones de género: El cotidiano como herramienta de análisis*

Jéssica Danielle Ferreira do Amaral<sup>1</sup>  
Ana Rute do Vale<sup>2</sup>

Recebido em Julho de 2019. Publicado em outubro de 2019.

**Resumo:** Os estudos sobre as relações de gênero e a expansão do feminismo no Brasil tiveram um avanço significativo na década de 1970, período em que a geografia crítica, na tentativa de apreender os espaços sociais, expande o seu campo conceitual, sobre as relações de gênero e o feminismo, dando origem à denominada geografia feminista. No espaço rural, esses estudos buscam compreender as relações de gênero, sobretudo na agricultura familiar, nas relações de trabalho no campo e nos acampamentos e assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Nessa perspectiva, esse trabalho pretende analisar as relações de gênero, que envolvem uma mulher acampada no município de Campo do Meio-MG, considerando suas principais dificuldades e seus prováveis mecanismos de superação. Os resultados da pesquisa identificaram muitas dificuldades, ideias de estereótipos sobre as mulheres e falta de autonomia delas dentro do próprio MST, mostrando que ainda existe um longo caminho para ser percorrido em busca da valorização e reconhecimento da mulher no campo, incluindo assentadas e acampadas. No entanto, essas mulheres avançam, em termos de participações em órgão representativos no movimento, na organização dos acampamentos e fortalecimento do Coletivo Mulheres Raízes da Terra, como é o caso da mulher relatada nesse trabalho.

**Palavras-chave:** Gênero, Geografia, Cotidiano.

**Resumen:** Los estudios sobre las relaciones de género y la expansión del feminismo en Brasil tuvieron un avance significativo en la década de 1970, cuando la geografía crítica, en la tentativa de aprehender los espacios sociales, expande su campo conceptual, sobre género y el feminismo, dando lugar a la llamada geografía feminista. En las áreas rurales, estos estudios buscan comprender las relaciones de género, especialmente en la agricultura familiar, las relaciones laborales en el campo y en los campamentos y asentamientos del Movimiento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Desde esta perspectiva, este trabajo pretende analizar las relaciones de género, que envuelve una mujer acampada en el Municipio de Campo do Meio-MG, considerando sus principales dificultades y sus probables mecanismos de superación. Los resultados de la encuesta identificaron muchas dificultades, ideas estereotipadas sobre las mujeres y la falta de autonomía dentro del propio MST, mostrando que aún queda un largo camino por recorrer para apreciar y reconocer a las mujeres en el campo, incluso sentadas y acampadas. Sin embargo, estas mujeres están avanzando, en términos de participación en cuerpos representativos

<sup>1</sup> Licenciada em Geografia – UNIFAL-MG, jessicaferreiramaral@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do curso de Geografia - UNIFAL-MG, ana.vale@unifal-mg.edu.br

*en el movimiento, en la organización de los acampamentos y el fortalecimiento del Coletivo Mulheres Raízes da Terra, como es el caso de la mujer reportada en este trabajo.*

**Palabras-clave:** *Género, Geografía, Cotidiano.*

**Abstract:** *Studies on gender relations and the expansion of feminism in Brazil have made significant progress in the 1970s, when critical geography, in an attempt to grasp social spaces, expands its conceptual field on gender and feminism, giving rise to the so-called feminist geography. In rural areas, these studies seek to understand gender relations, especially in family farming, labor relations in the countryside and in the camps and settlements of the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). In this perspective, this work intends to analyze the gender relations, involving a woman camped in the Municipality of Campo do Meio-MG, considering her main difficulties and her probable overcoming mechanisms. The results of the survey identified many difficulties, stereotyped ideas about women and lack of autonomy within the MST itself, showing that there is still a long way to go in pursuit of the appreciation and recognition of women in the countryside, including seated and camped. However, these women are advancing, in terms of participation in representative bodies in the movement, in the organization of the camps and strengthening of the Coletivo Mulheres Raízes da Terra, as is the case of the woman reported in this work.*

**Key-words:** *Gender, Geography, Everyday life.*

---

## INTRODUÇÃO

Quando iniciamos as discussões sobre as relações de gênero é provável que inconscientemente possamos pensar nas diferenças entre mulheres e homens. Todavia, é necessário ir além das questões biológicas, levando em consideração as estruturas de poder que perpassam a construção da concepção de gênero.

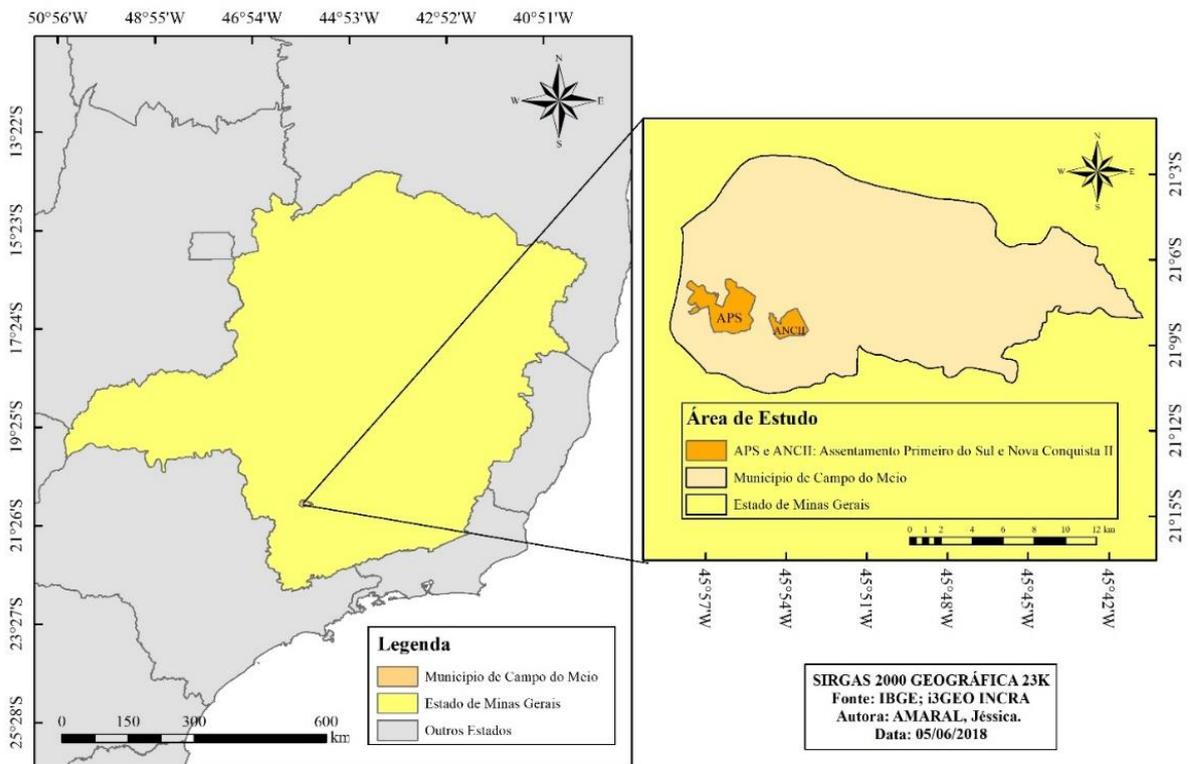
Poderíamos classificar a resposta que a sociedade dá sobre as diferenças entre mulheres e homens como hierarquização, que vai definir o papel social, padrões de comportamento, estereótipos e a relação de poder entre os sexos. As mulheres são passivas, maternas e frágeis, enquanto os homens são ativos, fortes e viris. Estas características de cada gênero criam polaridades e reforçam a masculinidade como algo imponente, hierarquizando através de dois polos “coisas de mulheres e coisas de homens”, o que chamamos de sexismo.

No espaço rural todas essas questões aparecem de várias formas, mas por meio do cotidiano e do lugar, desvendando a cotidianidade, é que conseguimos captar um pouco sobre as relações de gênero.

Há cerca de 20 anos, homens e mulheres ocupam as terras da antiga usina de cana-de-açúcar Ariadnópolis, no município de Campo do Meio-MG, com uma área de 3600 hectares e possuidora de uma dívida imensa com o Estado e com os seus trabalhadores, o que culminou, em 1994, com uma greve de aproximadamente 2000 trabalhadores da usina. Em 1996, parte desses trabalhadores ocupam as terras de outra área, a Fazenda Jatobá, já em processo de falência e, com o apoio do MST, foi desapropriada e transformou-se no assentamento Primeiro do Sul, com área de 888 hectares, comportando 42 famílias. Enquanto isso nas terras da antiga usina, muitos acampamentos foram surgindo, desaparecendo com processos de reintegração de posse,

ressurgindo e novos sendo criados, ao longo desse tempo, sendo que, em 2009 é criado acampamento Nova Conquista II, o único a tornar-se assentamento, em 2014, em uma área de 300 hectares, ocupado por 12 famílias. Na figura 1, observa-se a localização desses dois assentamentos no município de Campo do Meio-MG.

**Figura 1** – Mapa de localização geográfica do município de Campo do Meio – MG e dos assentamentos Primeiro do Sul e Nova Conquista II.



Fonte: IBGE; i3GEO INGRA, 2018. Organizado por Jéssica Danielle Ferreira do Amaral.

Em novembro de 2018, houve uma ameaça de despejo no Acampamento Quilombo Campo Grande - composto pelos acampamentos Sidney Dias, Rosa Luxemburgo, Tiradentes, Girassol, Fome Zero, Chico Mendes, Betinho, Irmã Dorothy, Vitória da Conquista, Potreiro e Resistência -, que comporta 450 famílias acampadas nas terras da antiga usina (cerca de 2.400 pessoas), cujo processo foi julgado em primeira instância na comarca de Campos Gerais e a decisão de reintegração de posse, sendo que o processo foi retomado e julgado novamente pelo Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG), em 11 de julho de 2019, negou a reintegração de posse. No entanto, foi apenas a liminar de despejo foi derrubada, mas o processo de desapropriação continua correndo em relação ao acampamento. Além disso, em 2019, a Escola Estadual Eduardo Galeano, escola do campo, que tinha parceria com a Escola Estadual Dr. José

Mesquita Netto, localizada próximo ao centro da cidade de Campo do Meio – MG, atendia os acampados e assentados, foi fechada.

Nesse contexto de conflitos pela terra, surge o Coletivo de Mulheres Raízes da Terra, em 2012, com o propósito de organizar as mulheres e suas demandas e do qual participam cerca de 50 assentadas e acampadas.

A partir dessas informações, esse trabalho pretende analisar as relações de gênero, que envolvem uma mulher acampada nas terras antiga usina Ariadnópolis, localizada no município de Campo do Meio-MG, considerando as principais dificuldades enfrentadas por ela e os prováveis mecanismos de superação. Convém ressaltar que esse trabalho é parte da pesquisa realizada durante a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, em Geografia – licenciatura, no ano de 2018<sup>3</sup>.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Para a realização desse trabalho, foram realizados levantamento e revisão bibliográfica, sobretudo nas temáticas de gênero e geografia agrária e posterior trabalho de campo realizado durante 9 dias (de 30 de julho até 08 de agosto de 2018), no assentamento Nova Conquista II e no acampamento Quilombo Campo Grande. Inicialmente foi feito o primeiro contato com uma das representantes do Coletivo de Mulheres Raízes da Terra, um mês antes do início do trabalho de campo. No primeiro dia, foi realizada uma reunião com algumas mulheres do coletivo, no Sindicato da Agricultura Familiar, na sede do município de Campo do Meio-MG, na qual foram apresentados a elas o objetivo e a metodologia da pesquisa que, após serem aceitos, pudemos seguir para os acampamentos e iniciarmos nosso trabalho.

Especificamente para esse trabalho foi selecionada apenas uma acampada, para melhor aprofundar a análise do cotidiano no espaço de um acampamento, a qual foi acompanhada mais diretamente, em sua casa e no trabalho agrícola durante 2 dias (e em outros dias aleatórios, nas atividades do setor de educação e saúde. Durante esse período, foram realizados registro fotográfico, elaboração de mapa mental e entrevista com ela. É importante ressaltar que a entrevista foi semidiretiva em alguns momentos, principalmente no começo, e não-diretiva no final, que consiste em não direcionar perguntas, permitindo que a entrevistada faça o relato da forma que achar mais adequado para ela.

O método utilizado para análise e interpretação da realidade da participante da pesquisa foi o método dialético, mais precisamente o materialismo histórico dialético. “O materialismo

---

<sup>3</sup> Trabalho de Conclusão de Curso – Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Alfnas (UNIFAL-MG), intitulado: AS RELAÇÕES DE GÊNERO NOS ACAMPAMENTOS E ASSENTAMENTOS DO MUNICÍPIO DE CAMPO DO MEIO -MG, 2019.

moderno, separando-se da especulação idealista, liga-se ao conhecimento e à ação e, portanto, à tomada de posição e de partido face aos problemas da vida” (LEFEBVRE, 1966).

O materialismo histórico compreende as ideias; considera-as como documentos e explica-as procurando as suas condições. Assim, opondo-se ao idealismo germânico que pretende provir do céu, o materialismo histórico parte dos homens realmente ativos; e é seguindo o processo da sua vida (social) que se compreenderão as suas reflexões e as suas ideias (LEFEBVRE, 1966, p.178).

Assim, por meio desse método, chegamos à vida cotidiana da acampada, para compreender a (re)produção das relações sociais para além do trabalho no roçado. Durante a fase de acompanhamento, o propósito não foi coletar dados sobre as áreas cultivadas e a produtividade da camponesa, mas seu dia a dia, inclusive em seu ambiente privado, para compreender a relação entre sujeito e objeto na pesquisa, qual o seu papel no MST, para compreender como é esse espaço vivido, concebido e percebido.

Nesse método, a relação entre o sujeito e o objeto se dá de forma contraditória não ocorrendo a “soberania” de nenhum deles, o que pode ser representada da seguinte forma:

Sujeito <----> Objeto

No método dialético o sujeito se constrói e se transforma *vis-à-vis* o objeto e vice-versa. Nesse caso, teremos as antíteses e as teses em constante contradição e movimento (SPOSITO, 2003, p.46).

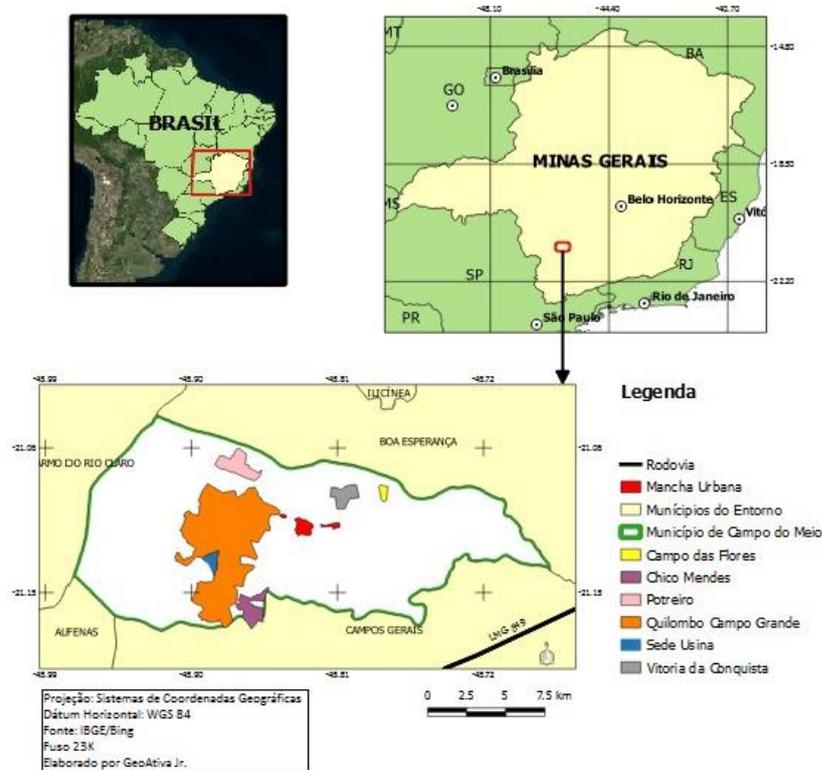
Nesse sentido, o cotidiano, enquanto conceito, serviu para embasar a pesquisa e a observação em campo, pois é nele que se tem o tempo ordinário e dentro deste cotidiano se tem o espaço vivido, ou seja, o lugar. Ademais, de acordo com Lefebvre (2000), o cotidiano atinge todos os níveis da (re)produção social. Assim, foi por meio desse cotidiano de uma mulher acampada que tentamos alcançar uma análise sobre as relações de gênero no campo e, ir além das descrições, para apresentar algumas considerações através do material coletado. Tanto o espaço como o lugar foram elementos chaves para observar o cotidiano, os papéis sociais e os conflitos.

### **Caracterização da área de estudo**

O município de Campo do Meio-MG está localizado na mesorregião Sul/Sudoeste do Estado de Minas Gerais (figura 2), na microrregião do reservatório de Furnas, originário a partir de implantação da usina hidrelétrica de Furnas, em 1962. De acordo com o IBGE (2010), a população total de Campo do Meio-MG é de 11.476 habitantes, sendo 10.106 residentes na zona urbana (88%) e 1.370 na zona rural (12%), embora o setor primário (agropecuária, silvicultura, exploração florestal e pesca), concentre a maior parte da população economicamente ativa, representando 57,59%. Dentre os produtos agrícolas do município, destaca-se o café, cultivado,

principalmente em grandes propriedades, embora também esteja presente nas unidades de produção familiar tradicional e nos assentamentos (Primeiro do Sul e Nova Conquista II) e nos acampamentos da ex-usina Ariadnópolis. Ressalta-se, no entanto, que, nos assentamentos e acampamentos, cada vez mais opta-se pela produção agroecológica.

**Figura 2 – Mapa de localização dos acampamentos na ex-usina Ariadnópolis – Campo do Meio-MG**



Fonte: IBGE/Bing, 2018. Org.: GeoAtiva Jr.

Sobre as características morfológicas observadas na área de estudo (*in loco*) foi identificado a predominância de relevos de colinas com amplitude que variam entre 40m e 80m de altitudes e de 700m até 800m (dados coletados via GPS, de 14 pontos), com colinas amplas com amplitudes baixas devido aos relevos suaves. Através da observação dos solos, foi identificado a presença de latossolos vermelho escuro, que são solos porosos, profundos, bem drenados, muito argilosos, permeáveis, friáveis e de fácil preparo (EMBRAPA, 2019). Atualmente, foi identificado no uso e ocupação do solo o cultivo de café e a pastagem, e a presença de campos antrópicos e alguns vestígios de mata secundária, devido ao intenso cultivo de cana-de-açúcar. É nesse tipo de

estrutura morfológica que a acampada desse trabalho habita, luta e cultiva, no solo com teor de matéria orgânica e de textura areno-argilosa, que, segundo ela, “tudo que se planta aqui vingará”<sup>4</sup>.

A acampada selecionada nessa pesquisa reside na chamada “Coloninha”, que são antigas residências dos trabalhadores da antiga usina Ariadnópolis, localizadas entre os acampamentos e o assentamento Nova Conquista II.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Na década de 1970, as discussões sobre as relações de gênero tiveram um avanço conceitual, praticamente na mesma década em que a Geografia Crítica começava a ser considerada por alguns pesquisadores como um novo paradigma dessa área de estudo.

O espaço geográfico é fruto das relações e interações de homens e mulheres e da natureza. O espaço e o lugar não são resultados das relações invisíveis de um sistema econômico, “[...] as relações entre os seres humanos não se limitam à cooperação para satisfazer as necessidades, e ao uso dos instrumentos; são as relações entre o homem e a mulher, entre pais e filhos, e família” (LEFEBVRE, 1966, p.181). No entanto, por muitos anos, a ciência geográfica foi se conformando dentro de um universo que manteve as desigualdades das relações de gênero hierarquizadas, com binarismo entre homens e mulheres, hegemonicamente masculino, e relegou a mulher uma invisibilidade na produção do espaço. Mas, antes de seguir apresentando os conceitos utilizados nesse trabalho, é importante entendermos a diferença entre sexo e gênero.

Inicialmente, vamos fazer uma distinção entre sexo e gênero. Quando uma pessoa grávida faz ultrassom e o médico fala “É uma menina”, em que ele está se baseando? Ele está se baseando em uma característica biológica que é possível perceber no exame. Essa característica biológica é o sexo. A família dessa criança vai para casa e começa a comprar o enxoval com as cores rosa, lilás, e assim por diante. Nesse momento, em que se associam cores e padrões ao sexo biologicamente dado, estamos falando de uma questão cultural e social, ou seja, de relações de gênero. Pode-se dizer de maneira simplificada, que o sexo é biológico e o gênero é cultural e social, tratando-se, portanto, de duas coisas distintas e não apenas de uma só, porém intimamente interligadas (NOGUEIRA; D’ANDREA, 2014, p.21).

Sendo assim, para os referidos autores, aquilo que apontamos como desigualdades entre os gêneros, pois está interligado profundamente com a construção dos papéis sociais que as mulheres devem desempenhar na sociedade. Esses papéis sociais são formulados através de aspectos culturais e sociais, não se restringindo a aspectos biológicos. As correntes geográficas que se aproximaram da geografia de gênero foram: A Geografia Neopositivista, que buscou

---

<sup>4</sup> A transcrição da entrevista preservou o modo de falar da entrevistada, não houve modificações na transcrição.

contabilizar o tempo de trabalho das mulheres, através do modelo geográfico-temporal da sociedade; a Geografia Humanística que buscou retratar a experiência vivida pelas mulheres, e a Geografia Marxista que procura analisar a mulher no trabalho, mas relaciona processos econômicos e sociais, na tentativa de compreender a subordinação na sociedade capitalista; “a emancipação da mulher, e as melhorias “deve se dar no seio da classe trabalhadora” (REIS, 2015, p. 13). Francisco (2011, p. 33) reforça a importância da Geografia de Gênero ao considerar que ela “tem possibilitado o desenvolvimento de estudos centrados na ótica, que parte do trabalho para a produção e reprodução do espaço, entendendo as mulheres como atrizes sociais, que através de seus papéis ativos produzem e reproduzem o espaço”.

Nesta pesquisa foi utilizado a terminologia camponesa, mesmo com vestígios de uma prática de agricultura de base familiar, pois compreendemos que ela está associada a uma identidade política e de classe dentro dos movimentos sociais da luta pela terra. O termo é usado por alguns movimentos sociais e foram construídas ideias como de comunidade, classe, e (des)construção de uma dupla mistificação do que seria atrasado e moderno.

[...] a terminologia agricultor familiar constrói-se em substituição ao conceito de camponês. Sua utilização implica no entendimento de que o progresso técnico é o elemento fundante dos processos em curso no campo. É por isso que o mesmo refratário ao conteúdo de classe, sendo, em suma, o desdobramento ulterior de um princípio basilar do positivismo, o conservadorismo (PAULINO, 2006, p.64).

“A simples observação sobre o lugar de moradia da acampada dessa pesquisa revela muita coisa. Indiscreto, o habitat confessa sem disfarce o nível de renda e as ambições sociais de seus ocupantes” (CERTÉAU, 2008, p.204). Por meio dos elementos do espaço e do lugar, é possível detectar a (re)produção do espaço e o cotidiano.

O estudo da vida cotidiana oferece um ponto de encontro para as ciências parcelares e alguma coisa mais. Mostra o lugar dos conflitos entre o racional e o irracional na nossa sociedade e na nossa época. Determina assim o lugar em que se formulam os problemas concretos da *produção* em sentido amplo: a maneira como é *produzida* a existência social dos seres humanos, com as transições da escassez para a abundância e do precioso para a depreciação (LEFEBVRE, 1991, p.30).

Partindo desses pressupostos teórico-metodológicos, a pesquisa tentou captar as relações de gênero, a partir das observações do cotidiano da acampada. Isso porque, é preciso ir além da (re)produção dos meios de produção e observar e considerar o cotidiano, pois é nele que temos a dinâmica e o fortalecimento de questões posta pela sociedade. “Lidar com o cotidiano é, em princípio, lidar com alienações superiores à necessidade bruta do alimento, da casa,

transcendendo o nível estrito da sobrevivência” (DAMIANI, 1999, p.169). O cotidiano é lugar do programado, ordinário e fragmentado, lugar das necessidades fixadas, de um tempo administrado, mas também é o lugar que deixa vulnerável toda a programação. Temos a cotidianidade que se diferencia através da percepção e ritmo da passagem do tempo, do fluxo temporal em comparação à mulher da cidade. “Mesmo tratando de um cotidiano repetitivo e programado, a cotidianidade aparece como um elemento que rompe com o que parece se configurar como algo programado, a espontaneidade e o informal começam a ganhar forma” (DAMIANI, 1999).

O cotidiano da mulher pesquisada está inserido em um acampamento, que de acordo com Turatti (2005), em aspecto territorial, é um lugar provisório e indefinido (individual e coletivamente), podem ter atividades produtivas, em nível de sociabilidade cultivam para sobreviver, e a relação com o MST é de dependência absoluta, para a sobrevivência material e para a obtenção de terras; pode ser considerado um momento de transição até chegar ao assentamentos, que já são áreas consolidadas e regularizadas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Dentro deste cotidiano, foi possível observar o gênero enquanto indicativo dos papéis sociais, vinculadas às relações de gênero. O que o cotidiano das mulheres camponesas nos traz, por meio de uma leitura geográfica do espaço e do lugar? As relações entre os homens e as mulheres e entre as instituições sociais são atravessadas pelo poder.

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único (SCOTT, 1990, p.21).

Podemos reforçar que o conceito de gênero, associado a uma geografia feminista e crítica, ao cotidiano, ao conceito de camponato, são ferramentas teóricas capazes de desnaturalizar a opressão das mulheres no meio rural.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da entrevista, foi possível obter algumas informações sobre a acampada desse trabalho. Ela tinha 68 anos na data da entrevista, é solteira, cursou o ensino fundamental completo e nasceu em Urupês, interior de São Paulo. “A gente estava no interior né, aí quando foi o êxodo rural dos anos 60, que minha família, como tantas outras, teve que sair da roça, porque nós não tínhamos mais terra. Nós éramos meeiro, arrendatário, e não se tinha mais campo para gente na roça, aí nós fomos para São Paulo capital” (acampada, agosto de 2018). Ela tem um filho, mas mora sozinha no acampamento, que não é o mesmo no qual viveu por pelo

menos 15 anos, uma vez que, em 2017, houve um incêndio em sua casa, que evidências mostraram que pode ter sido criminoso. Conforme já mencionado, o local onde ela estava residindo, na época da entrevista, é denominada de coloninha e sua área de cultivo se restringe apenas a um pequeno espaço em frente à sua porta onde, cultiva algumas ervas e frutos. Ela é aposentada e complementa sua renda com a venda de produtos na Feira Agroecológica e Cultural de Alfenas (F.A.C.A), município distante cerca de 80 km de Campo do Meio-MG, que acontece nas manhãs de sábado. A acampada integra os setores de saúde e de educação do MST, que atuam no assentamento Nova Conquista II e nos acampamentos.

O que as terras do município de Campo do Meio abrigaram e abrigam nas suas “raízes da terra”<sup>5</sup>? Uma mulher que teve sua infância na roça, mas que já morou nas periferias da grande São Paulo, que traz consigo vestígios de um cotidiano urbano. De acordo com Lefebvre (1966), os indivíduos vão agindo e produzindo a história. Quando observamos a realidade da acampada da pesquisa, identificamos que uma divisão sexual do trabalho muito desigual, o que reforça ainda mais o sistema patriarcal e os discursos que restringem o trabalho da mulher como “ajuda”. Na fala dela, isso fica bem claro:

O serviço da mulher é tipo como eu ouvia na infância, “que trabalho de mulher e criança é pouco, mas quem desperdiçava era um louco”. Olha que ouvia na infância dos homens mais velhos, serviço de mulher e criança é pouco mas que desperdiça é louco, ajudava, ajudava né, porque era louco não tô querendo que a mulher, que o filho me ajude, e sendo que a gente sabe que a mulher tem a capacidade de tocar uma roça sozinha. Nós temos mulher aqui que, têm plantação orgânica de café e o marido é contra a plantação orgânica, o dele é do Randap (*herbicida*) né, entendeu, magina guerra que vive um casal desse (Acampada, agosto de 2018).

O modo de produção capitalista também foi responsável pela institucionalização do machismo e da estrutura patriarcal na nossa sociedade, seja no meio urbano ou rural, pois atinge vários momentos da vida social. Não estamos querendo afirmar que em outros modelos econômicos o patriarcado e o machismo estejam ausentes, pelo contrário, onde existe relações entre os indivíduos existirá conflitos.

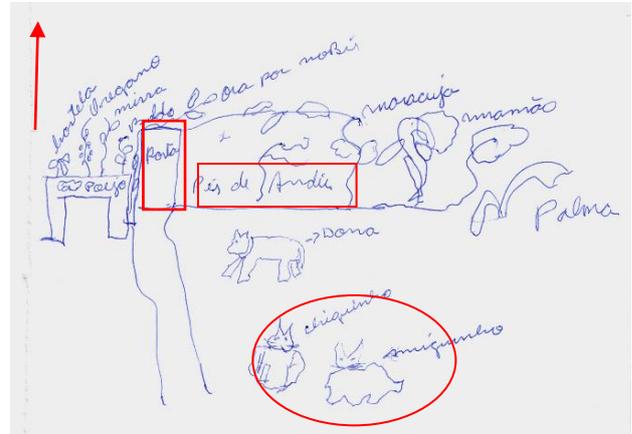
Serão apresentados alguns elementos captados durante o trabalho de campo. Conforme mencionado anteriormente, foi solicitado que a acampada elaborasse um mapa mental, ou seja, que colocasse no papel representação de sua moradia, destacando o que considerava mais importante. De acordo com Nogueira (2013), os mapas mentais são representações construídas através da percepção dos lugares, partindo da realidade vivida. É através da triplicidade: o percebido, o concebido e o vivido que tentaremos analisar a imagem fotográfica (figura 3), o

---

<sup>5</sup> Alusão ao nome do Coletivo Mulheres Raízes da Terra de Campo do Meio-MG.

mapa mental (figura 4) e a entrevista, para tentar compreender como a produção do espaço e do lugar se conforma para esta mulher.

**Figuras 3 e 4:** Residência da acampada na “Coloninha”, na ex-usina Ariadnópolis, em Campo do Meio-MG e seu mapa mental



Fonte: COSTA; RAIES; SILVEIRA (2017, s/p) e trabalho de campo, julho/2018.

A observação dos elementos da entrevista com a imagem fotográfica e o mapa mental, permite associá-los:

Então, é aquilo que eu falo, você persegue esse sonho, pra você ver, eu saí com 13 anos da roça, mas por 51 eu estava na roça de novo. Muitas pessoas falava essa moça chegou de São Paulo imagina que ela vai saber trabalhar na terra, saber tirar água de um poço né, a mão, essas dificuldades, catar lenha pra acender fogo, mas eu fiz tudo isso na minha infância, quando eu retornei, era gostoso, parecia que eu tava tinha saído ontem da roça, estão tudo aquilo que os meus pais me ensinaram estava dentro de mim já cheguei fiz de novo, e faço, e gosto de fazer (Acampada, agosto de 2018).

O mapa mental da acampada representa o que foi muitas vezes acompanhado durante a observação. Podemos identificar que o seu lugar de cultivo é em frente à sua porta. A casa é de alvenaria, mas encontra-se em processo de degradação, a iluminação da casa se encontra em lugares específicos. O fundo da casa é cimentado, o que impossibilita o cultivo, razão pela qual planta diversos tipos de ervas (hortelã, orégano, mirra, boldo), frente à sua casa, onde também há árvores frutíferas (maracujá e mamão) e um pé da planta palma. Ela faz questão de representar também os animais de estimação que são seus companheiros em seu cotidiano: os gatos, Chiquinho e Amiguinho, e a cachorra Dona. Existe uma disposição dos objetos, que estão demarcados pelo quadrado vermelho, a seta indica a orientação, no qual deve ser examinado o mapa mental e a imagem fotográfica. Mas afinal de contas quem é a nossa entrevistada?

**D.R.**<sup>6</sup> nasceu em dezembro de 1949 em Urupês, no Estado de São Paulo. Filha de mãe parteira e pai lavrador arrendatário, aos 13 anos, migrou com a família para a Região Metropolitana de São Paulo, onde iniciou sua jornada no mercado de trabalho. Sua trajetória política foi marcada, inicialmente, pela militância no sindicato dos metalúrgicos e no ativismo religioso católico. Saiu da escola ainda no ensino fundamental, aos dez anos. Retornou aos 18 anos para a escola do sindicato dos metalúrgicos, na qual concluiu o ensino fundamental. Teve um casamento de um ano e cinco meses, que lhe deu um filho que reside na capital paulista com a esposa e duas filhas. Há aproximadamente 15 anos, **D.R.** se mudou para o município de Campo do Meio em Minas Gerais, com o objetivo de retornar à terra de onde sua família havia sido expulsa. Hoje, lá reside no Acampamento Rosa Luxemburgo<sup>7</sup> do **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST**. Tem papel de destaque no movimento, no qual atua como educadora da escola do acampamento e líder de área, além de sindicalista, produtora de sementes orgânicas, coordenadora da associação de produtora(e)s rurais do município e organizadora da feira de domingo. Atua, ainda, no grupo de gênero do MST e faz parte do grupo de mulheres que organiza uma horta de plantas medicinais no acampamento (COSTA; RAIES; SILVEIRA, 2017, p.49).

Ao associar a entrevista, mapa mental e a fotografia podemos identificar informações de domínio espacial. “Os mapas mentais contêm saberes sobre os lugares que só quem vive neles pode ter e revelar” (NOGUEIRA, 2013, p.130). Neles, podemos identificar espaços de representação que, de acordo com Lefebvre (2000), são espaços vividos através de imagens e símbolos que acompanham o espaço dos “habitantes”. É através do espaço percebido, espaço de percepção do mundo, que se produz o espaço. É através do espaço concebido que identifica e se (re)conhece o espaço dominante numa sociedade. Sabemos que os vestígios de uma estrutura e história vivida por esta mulher não sumiu, apesar da sua transição campo-cidade-campo, porque as representações do espaço modelam a prática social e política, e as relações entre objetos e as pessoas. Foi no cotidiano que percebemos como alguns desses elementos coletados vão tomando forma.

Ainda existem muitas dificuldades que esta mulher enfrenta no seu cotidiano. Mas a cotidianidade diferencia esta mulher, quando vai à luta, ou participa e organiza as reuniões dos setores de educação e de gênero. Dentro do setor de gênero houve o movimento pela criação do Coletivo de Mulheres Raízes da Terra, que surgiu em 2012, com participação de aproximadamente 50 mulheres acampadas e assentadas (figura 5). Suas reuniões ocorrem às quartas-feiras, no período da manhã iniciando-se com o café coletivo, e logo em seguida, são

---

<sup>6</sup> Grifo nosso.

<sup>7</sup> Atualmente reside na chamada coloninha.

realizadas atividades na horta, como a colheita de camomila. Depois do almoço coletivo, retomam as atividades.

**Figura 5** – Reunião do Coletivo Mulheres Raízes da Terra, na sede do acampamento Quilombo Campo Grande - Campo do Meio-MG.



Fonte: Trabalho de campo, julho/2018.

O MST é dividido em setores para nível de organização: setor da saúde, educação, formação, cultural, comunicação, produção, frente de massas, gênero, dentre outros, que pode se diferenciar de acordo com a localidade. Conforme já relatado, nossa entrevistada, participa dos setores de saúde e educação, que geralmente são ocupados por mulheres, fato que deveria servir de reflexão para o MST, ou seja, porque continuam acreditando que essa é uma “área feminina”? Por que existe uma maior quantidade de mulheres nestes setores?

Embora a acampada desta pesquisa seja solteira, ela comentou em sua entrevista, o comportamento masculino nos acampamentos e assentamentos, onde ela convive, sobre o fato de que muitos homens ainda trazem consigo a posição de chefe de família e uma autoridade dentro do roçado. A mulher passa por uma dupla jornada de trabalho que é realizado no campo e no ambiente doméstico.

Aquela do trabalho não ser reconhecido, a mulher trabalha e trabalha muito, principalmente a mulher da roça. Ela vai para roça ela ajuda o marido de igual para igual, ela chega em casa um pouco antes pra fazer a janta, mas quem vai tratar das galinhas do porco é a mulher, quem vai trocar dos meninos que estão chegando da escola é a mulher e ainda vai fazer a janta, e ainda depois das 22h00 ainda tem que servir o marido né, tem muitas ainda que usam esse termo, e não é reconhecida e quando ele vai falar assim do café que eles plantaram marido e mulher, então ele não fala nós plantamos 2.000 mil pé de café, eu plantei, há porque a roça de milho minha eu colhi cem saco por hectare; ele colheu coisa nenhuma, foram os dois, até mesmo se ela não foi lá colher uma espiga de milho, quem foi levar o almoço pra ele lá quentinho foi

ela, mas não fala isso, não reconhece isso, mas isso tá inculturado no homem((acampada, agosto de 2018).

Nesse sentido, não basta formar setores e construir um coletivo de mulheres, é necessário reconhecer o trabalho e a importância delas, que sempre estão presentes na luta pela terra, caso contrário o erro persistirá dos dois lados. Um lado que mantém uma percepção minimalista e conservadora que culpabiliza o ser, e de outro lado, uma construção que busca justiça social, mas que universaliza a luta, no sentido de não compreender seus recortes, tanto de gênero, classe e étnicos/raciais. A participação de da acampada da pesquisa nos setores citados, não é sinônimo de qualidade de vida ou de representatividade enquanto mulher, isto também se dá no mundo do trabalho. A mulher como força de trabalho, não se encaixou na mesma condição do homem, ou seja, a entrada da mulher no mercado de trabalho não alterou as desigualdades de gênero:

[...] elas não foram bem ‘encaixadas’ e que há um ‘viés urbano’ perpassando as análises sobre trabalho feminino no campo, viés que se estende inclusive ao entendimento de seus movimentos reivindicativos, seja o Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR), seja o movimento sindical ou, ainda, a luta das mulheres ligadas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) (PAULINO, 2004, p.230).

Como se sabe, o acampamento é estruturado dentro da organização do MST, tendo como projeto a reforma agrária. Dentro desta luta as mulheres estão sempre contribuindo. Esta mulher em seu movimento feminino, ou seja, sem teorias ou definições teóricas-científicas, por conta da sua vivência percebe as desigualdades de gênero, busca nas teorias feministas fortalecer a si mesma, outras mulheres, o coletivo e a representatividade dentro do MST. No ano de 1996, ocorreu o Encontro Nacional das Mulheres Militantes do MST, responsável pela produção de uma cartilha que trata de temas sobre a “Mulher no MST” (quadro 1):

**Quadro 1 – Demandas das Mulheres Acampadas e Assentadas do MST**

<p><b>Problemas relacionados com a luta pela terra</b></p>	<p>Nos assentamentos e acampamentos se produz os mesmos problemas da sociedade. As mulheres enfrentariam os mesmos problemas se não estivessem no acampamento, como discriminação, dupla moral, falta de estrutura para possibilidade a participação, etc.</p>
<p><b>Problemas relacionados à participação no MST</b></p>	<p>As mulheres lutam, mas não têm representatividade; diferença entre teoria e prática do MST; trabalho com/ sobre/ das mulheres é considerado secundário.</p>
<p><b>Causas dos problemas</b></p>	<p>Da sociedade: preconceito histórico e atraso das relações sociais do campo.</p>

	Do MST: falta entendimento do problema (maioria acha que não existe problema); falta de incentivo e de criar mecanismos de participação; falta qualidade na formação de seus membros. Das mulheres: Medo de enfrentar os problemas.
<b>Avanços</b>	Conscientização de que há problema e o jeito como enfrentamos a discriminação; preocupação que está existindo no MST de debater o problema enquanto fato político (enquadrar o gênero na luta de classe) e do ponto de vista científico. Qualidade do debate que as lideranças femininas iniciaram.

Fonte: Cartilha sobre A questão da Mulher no MST. Org.: Autora, 2019.

A formulação desta cartilha aponta a importância das discussões das relações de gênero dentro dos acampamentos e assentamento, e que influencia no cotidiano de muitas mulheres. Sabemos que historicamente as relações entre homens e mulheres foram construídas de uma maneira desigual, opressora, que reforça a submissão das mulheres. Dentro de um universo de participação, as mulheres estão fazendo um curso de ervas medicinais. O curso teve como mediadora uma instrutora, que fazia a mediação entre a teoria e a prática através do projeto relacionado ao Programa de Pequenos Projetos Ecosociais (PPP-ECOS). Não foi notada a participação mais efetiva delas no viveiro de mudas e nas edificações. Ainda existem relações desiguais, como relata a entrevistada, existe muitas violências no âmbito doméstico, no qual o MST deverá estar atento e em busca de formação política para todas e todos, que aproxime todos de uma leitura crítica sobre as relações de gênero. Os problemas relacionados às relações de gênero devem ser de interesse de mulheres e dos homens. Para Gonçalves (2009, p. 199), as mulheres estão sempre na linha de frente nas ocupações, nos acampamentos, elas buscam se organizar, resultando em uma maior participação política, mas quando é estabelecido os assentamentos, foi identificado que existe um recuo das mulheres para o ambiente doméstico. É por isso que é fundamental a criação do setor de gênero para atender as acampadas e assentadas de Campo do Meio-MG, para maior politização e ação das mulheres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os avanços nos estudos sobre as relações de gênero e o feminismo foram extremamente importante para o desenvolvimento de uma geografia feminista na década de 1970. Quando associamos a geografia feminista à uma perspectiva crítica, tem-se um universo de possibilidades de leitura sobre as relações de gênero. No caso dessa pesquisa possibilitou a análise do cotidiano de uma mulher acampada.

Para as mulheres, a opressão e a própria estrutura machista continuam atingindo, independentemente do desenvolvimento das forças produtivas e da participação no trabalho no campo. Então, as mulheres procuram se organizar, seja em coletivos ou na formação de grupos, para pensar processos de superação e combate de uma estrutura machista; e sabem que é preciso ir do público ao privado, e da esfera do trabalho no roçado ao trabalho doméstico.

O trabalho doméstico é formulado dentro de um processo ideológico, ou seja, é um “serviço de mulher, e simbólico no espaço-tempo, (re)produtor de uma condição de aprisionamento, que classificamos como dupla jornada. O trabalho doméstico e o trabalho produtivo estão interligados no meio rural, pois ambos os trabalhos dependem um do outro para acontecer, ou seja, tudo que é produzido no roçado é convertido para a esfera doméstica, e vice-versa. Além disso, a opressão vivida pelas mulheres envolve toda a sociedade. A tentativa de uniformizar a luta, ou transformá-la em universal, ou seja, quando as intenções e as pautas se concentram em uma única leitura, podem simplificar e permitir o aumento das desigualdades, pois mesmo em uma luta das mulheres, existem vários pontos de consenso e descontinuidade dentro dos movimentos feministas.

A vida cotidiana é lugar do tempo ordinário, fragmentado e é através dele que temos a cotidianidade. É no cotidiano que pouco a pouco os elementos das transformações se juntam. Foi observando o cotidiano de uma mulher acampada que a pesquisa conseguiu captar as dificuldades e possíveis superações das desigualdades de gênero dentro do acampamento de reforma agrária. É nas “raízes da terra” do município de Campo do Meio, com seu ótimo solo orgânico, que acontece muitos conflitos entre os latifundiários e os acampados e assentados; é nesse universo de conflitos, que uma mulher acampada assenta sua história, e vive sua triplicidade de um espaço percebido, concebido e vivido. A luta continua, pois, o processo é histórico e dialético.

Mesmo dentro de um movimento social como o MST existem dificuldades em lidar com as relações de gênero, apesar da existência de um setor de gênero. Podemos afirmar que os homens que participam do MST e que estão acampados ou assentados, encontram-se dentro da estrutura patriarcal e machista, que configura sua masculinidade, mas a história, cultura e as estruturas são construídas pelos sujeitos, homens e mulheres.

## REFERÊNCIAS

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano, 2: morar, cozinhar**. 8. ed Petrópolis: Vozes, 2008. p. 371.

COSTA, R. M. G. **Entrevista concedida a AMARAL, J. D. F.** Campo do Meio, 01 ago. 2018.

COSTA, R. M. G.; SOUZA, N. R. M.; REIS, G. S. Dona Ricarda. **Mulheres do campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra** / organizado por M. A. A. – Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2017, p. 348. Disponível em: <http://mulheresdocampo.fjp.mg.gov.br/?p=277>. Acesso em: 04 de mar. de 2019.

DAMIANI, A. L. O lugar e a produção do cotidiano. In: CARLOS, A. F. A. (org.) In: CARLOS, A. F. A. (org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999, p.161-172 (Caminhos da Geografia).

FRANCISCO, O. L. M. de. Geografia de Gênero e Trabalho Familiar: Algumas considerações. **Revista Latino Americano de Geografia**, v.2, n.1, p.27-36, jan – jun/ 2011.

GONÇALVES, R. (Re)politizando o conceito de gênero: a participação política das mulheres no MST. **Dossiê: Contribuições do Pensamento Feminista para as Ciências Sociais**. Mediações, Londrina, v. 14, n.2, jul/dez. 2009, p.198-216.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades: Estado de Minas Gerais: Campo do Meio: Censo agropecuário, 2006**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=311130&idtema=3&search=minas-gerais|campo-do-meio|censo-agropecuario-2006>>. Acesso em: 04 de mar. de 2019.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000), p.476.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo, 1991, p. 216.

LEFEBVRE, H. **Para compreender o pensamento de Karl Marx**. Bordas, 1966, p. 387.

MST. **A questão da mulher no MST**. Plano de Trabalho e os encaminhamentos que tiramos no Encontro Nacional das Mulheres Militantes do MST, realizados de 25 a 28 de maio de 1996. Coletivo Nacional de Mulheres do MST. São Paulo, junho de 1996, p.11. Disponível em: <<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/A%20quest%C3%A3o%20da%20mulher%20no%20MST.pdf>>. Acesso em: 29 de jan. de 2019.

NOGUEIRA, A. R. B. Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar. In. OLIVEIRA, A. U.; PONTUSCHKA, N. N. (Org.). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. 4. ed. São Paulo (SP): Contexto, 2013, p. 125-131.

NOGUEIRA, P. H. de Q.; D'ANDREA A. C. E. B.; CORREA, L. M.; ALVES, M. Z.; MAIA, C. L. (org.). **Juventudes, sexualidades e relações de gênero**. Belo Horizonte: UFMG, 2014, p.49

PAULILO, M. I. **Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise**. Florianópolis: UFSC, 2004, p. 229 – 230.

PAULINO, E. T. **Por uma geografia dos camponeses**. São Paulo: Edunesp, 2006. 428 p.

REIS, M. L. Estudos de gênero na geografia: uma análise feminista da produção do espaço. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 38, P.11-34, jul./dez. de 2015. Disponível em: <<http://www.publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>>. Acesso em: 04 de mar. de 2019.

SCOTT, J. Gênero: Uma **categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 16, n.2, pp.71-99, jul./dez. 1990. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721>>. Acesso em: 04 de mar. de 2019.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Ed. UNESP, 2003. 218 p.

TURATTI, M. C. M. **Os filhos da lona preta**: identidade e cotidiano em acampamentos do MST. São Paulo: Alameda, 2005, p.118.